

JB



Um país rico, com muitos pobres

Com um terço da população na pobreza, há duas décadas o Brasil mantém intacto um dos piores níveis de desigualdade

[21/ ABR/ 2002]

A estabilidade econômica criada pelo Plano Real não contribuiu para reduzir a pobreza no país. Enquanto em 1995, 33,9% dos brasileiros viviam em situação de pobreza ou indigência, em 1999 esse percentual era de 34,1%. Os dados fazem parte do estudo "Estabilidade Inaceitável, Desigualdade e Pobreza no Brasil", elaborado pelo Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea).

A razão para tão pouca mudança não está exatamente na falta de recursos, mas sim na desigualdade. A má distribuição de renda responde sozinha por quase dois terços dos 53 milhões de miseráveis do país. Basta lembrar que o 1% mais rico do país, o equivalente a 1,6 milhão de pessoas, concentra exatamente a mesma renda que é dividida pelos 50% mais pobres, que são 80 milhões. "O Brasil não é um país pobre, mas um país de muitos pobres", enfatiza o economista André Urani, professor de Economia da UFRJ e presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS).

Quando se referem a indigentes, os pesquisadores estão falando de pessoas que vivem com menos de R\$ 80 por mês, valor suficiente para comprar uma cesta de alimentos com o mínimo de calorias necessárias ao ser humano. Há 22 milhões de brasileiros nessa situação. Na categoria pobres estão aqueles que têm o dobro dessa renda. Conseguem comprar a alimentação básica, mas não têm o suficiente para outros itens essenciais como moradia, roupa e transporte. São mais 31 milhões de pessoas.

O interessante é que a renda per capita (resultado da divisão da riqueza pela população) não permite colocar o Brasil entre os países mais pobres do mundo. Ao contrário. O Brasil está no terço mais rico do planeta. Mas, enquanto nos países com renda per capita similar à brasileira, apenas 10% da população estão abaixo da linha de pobreza, no Brasil, o percentual sobe para 30%.

A diferença se deve à desigualdade e nesse quesito o país lidera. Apresenta o maior grau de desigualdade do mundo, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 1999. O índice mostra a relação entre a renda média dos 20% mais ricos da população e dos 20% mais pobres em 45 países. No Brasil, os ricos ganham 30 vezes mais que os pobres. É o único país que ultrapassa esse limite, superando Senegal, Honduras, Bangladesh e Peru, entre outros. Pelo índice de Gini - outra forma de medir a questão -, numa lista de 92 países, a desigualdade só é menor do que a da África do Sul e de Malavi.

De acordo com Urani, baseado em dados do Ipea, se o país crescesse à taxa anual de 3%, seriam necessários 19 anos para reduzir a pobreza à metade. "As políticas de crescimento são concentradoras de renda". O chefe do Centro de Políticas Sociais de Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, reforça. "Um crescimento acumulado de 21% reduziria a pobreza em 18%. Já uma queda de apenas 8,5% na desigualdade, tornaria a pobreza 28% menor.